

Boa noite ao excelentíssimo senhor presidente da casa, em nome do qual cumprimento a todos os deputados e autoridades aqui presentes.

Meu nome é Ana Catarina. Moro no Condomínio Estância Quintas da Alvorada, e como muitos de vocês devem saber, é de lá que as lágrimas mais amargas descem neste momento. Acordo pela manhã e vejo um cenário de guerra. Semana passada ouvi o pior som de todos, tratores ligados, cavalaria aposta, policiais de um lado, e a gente do outro. Me pergunto o que os grandes ditadores conseguiram marcar nas almas das pessoas que eles torturaram neste momento, e olho para mim, e vejo todas as marcas que este governo vem cravando. Quem já foi torturado sabe do que estou falando, a sensação de impotência, o medo... o medo é o pior dos sentimentos, ele corrói você por dentro, ele te faz chorar por todos os cantos, ele te faz perder o sono. Não existe colo, não existe consolo. Ainda escuto o helicóptero passar por cima da minha casa, e olho para esse enorme céu de Brasília e choro. Chorar não é uma ação de pessoas fracas ou covardes, chorar é o maior protesto que os olhos podem fazer, enquanto o seu corpo está na frente da casa do seu vizinho, vendo ela ir embora. Ao seu lado está ele, o seu vizinho e o filho dele, chorando. Não existe nessas operações, nenhum apoio psicológico, ninguém que possa intervir, a não ser a milagrosa liminar que um advogado tenta com todo custo conseguir. Sobra então levantar cedo, não existe outra opção, se reunir às 6hs da manhã e tentar buscar o maior número possível de vizinhos, para tentar dificultar a ação da Agefis, como guerreiros resignados que sabem que essa batalha vai rasgar por dentro. As vezes chamo um vizinho para participar e escuto as mães daqui falarem: Não posso estar à frente dos tratores, preciso acalmar o meu filho, ele me pergunta todos os dias se a casa dele ainda vai estar de pé. Me calo. O que eu poderia responder para essa família? Me sinto impotente por não poder fazer nada por esta pequena criança, e quem pode? Quem pode ajudar pessoas que estão na mesma situação que eu? Deus? Eu não sei a resposta. Só sei que todos os dias eu acordo e peço para ter força. Prometo para os vizinhos que se eles precisarem, irei subir no telhado de suas casas para evitar que ela vá para o chão. Devo dizer também que depois de toda essa dor, não faltei ao meu trabalho, sou professora e luto por dias melhores. Segurei o choro na frente dos meus alunos, e agradei cada abraço que ganhei esta semana. Lembrava do meu pequeno vizinho que deveria estar também na escola, e rezava para a casa dele ainda está de pé. Enfim, esse é o meu relato. Às vezes eu me pergunto se quem mora aqui é humano, bicho ou tijolo. Vejo reportagens chamando a gente de tudo quanto é nome... mas, quando olho pra mim, sei muito bem quem eu sou. E eu sou uma pessoa que jamais vai se cansar de lutar pelo direito de viver dentro da sua casa. Eu sou aquela que estará na frente do trator, implorando misericórdia, e assim como eu, existem vários! Homens, mulheres, crianças e idosos... uma comunidade de mais de 3.500 mil pessoas que o governo simplesmente deseja jogar fora.